APRESENTAÇÃO

Literaturas estrangeiras pelo olhar sul global

Carlos Magno Gomes[1]
Jocelaine Oliveira dos Santos[2]
Christina Ramalho[3]

O Conselho Editorial da **Revista Fórum Identidades** lança o volume 43, número 1, referente ao primeiro semestre, janeiro-junho, de 2026. Este volume é composto por um Dossiê: **Literaturas estrangeiras pelo olhar sul global** e uma **Seção livre** com textos sobre tradução e relações intermídias. O Dossiê tem como tema central as geopoéticas das literaturas estrangeiras que apresentam olhares do Sul-Sul por diferentes perspectivas estéticas e políticas. Os artigos englobam autores/as do Sul Global, que questionam as necropolíticas da colonização europeia e as heranças das violências contra a mulher.

Os artigos trazem análises de obras literárias da/sobre da Ásia, África e América. Em comum, esses textos apresentam revisões históricas e estéticas da literatura mundial. Tais geopoéticas reforçam a importância das literaturas que se voltam para a revisão do passado e questionam o processo de barbárie e marginalização dos povos americanos e africanos produzido como discurso civilizatório.

Além disso, a produção Sul Global tem sido ampliada pelo olhar de escritoras e teóricas feministas que revisam as normas patriarcais hegemônicas por meio de textos que registram linguagens de oposição às diferentes violências de gênero e expõem as heranças do terror imposto pelos discursos patriarcais que se projetam nos códigos machistas. Entre os textos, temos obras de Angola e Cuba.

O primeiro texto, em **Geopoesia Angola na parataxe indiciária de Abreu Paxe**, Augusto Rodrigues da Silva Junior apresenta uma leitura geopoética da lírica de Abreu Paxe, poeta, pesquisador e professor angolano, tomando como recorte

1. Professor titular da UFS. Doutor em Literatura pela UnB com pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG. ORCID

2. Doutora em Ciências Sociais (UNISINOS) e Mestre em Letras (UFS). Professora de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos de Texto, Leitura e Linguagem – GETELL (IFS) e membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cultura – GELIC (UFS). ORCID

3. Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (DLEV/UFS). Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ, 2004) e Pós-Doutoranda do Programa da Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP, período junho 26 a maio 28), com a pesquisa "*Da Amereida à Ciudad abierta*: uma geossemiose épia, coletiva e multidisciplinar". E-mail: ramalhochris@hotmail.com. ORCID

10.47250/forident.v43n1.p7-12

poemas publicados em antologias e livros recentes, com destaque para *Nkalu a Maza: Tigela de sentidos* e *Entre a lua, o caos e o silêncio: a flor*. O pesquisador ressalta que a obra de Paxe é atravessada por uma "parataxe indiciária como procedimento de organização estética, política e geopoética, espraiada em raizamas bocalmente ancestrais". O artigo apresenta exemplos dessa parataxe "na migração fractal do provérbio, os blocos poéticos, os ideogramas, as imagens-adinkra, os silêncios, os tambores, as máscaras e as botas novembras". Tal pesquisa explora a polifonia, com ecos da filosofia Kalunga em diálogo com formulações afrorreferenciadas, oralidade e saberes locais.

No texto seguinte, em **Prisioneiros *herero* da guerra colonial alemã na África (1904) em *Morenga* (1978), de Uwe Timm**, Denise Rocha apresenta um estudo do romance *Morenga*, analisando as vulnerabilidades dos soldados e dos familiares largados no deserto, capturados em épocas diferentes pelos alemães, e transportados para campos de prisioneiros, supervisionados por religiosos germânicos; alguns levados para trabalho obrigatório em manutenção de obras, em construções de ferrovias, em minas e em fazendas. A análise retoma o debate em torno da 'metaficção historiográfica', de Linda Hutcheon, para revisar como personagens históricos são retomados pela ficção de Timm como o chefe supremo dos *herero*, Samuel Maharero (1856-1923).

No texto seguinte, **Tempo, Real e Maravilloso no romance *Los Recuerdos del Porvenir* de Elena Garro**, Maycon da Silva Tannis aborda perspectivas históricas a partir da tensão que se estabelece entre o "agora" como manifestação do Presente e a contraposição deste à História no romance *Los recuerdos del porvenir*. de Elena Garro. A Autora traz elementos do *realismo maravilloso* que torcem o tempo e permitem ao leitor pensar outras possibilidades para a sua própria realidade, na forma de uma crítica à História. Garro explora estratégias, formas e elementos mobilizados na narrativa para a transformação do tempo para além do literário. O trabalho é fundamentado pelos estudos de Paul Ricoeur e Luiz Costa Lima.

Na continuidade, temos dois textos sobre a tradução em árabe e espanhol. Em **Uma tradução negra para a espiritualidade afro-cubana de "El Monte", de Lydia Cabrera**, Sara Lelis de Oliveira discute questões de tradução da espiritualidade afro-cubana presente em *El Monte* (1954), ensaio da antropóloga Lydia Cabrera, para o português brasileiro. *El monte* é a mata onde se entra para interagir com os orixás e na qual residem árvores, plantas e ervas utilizadas nos rituais. As questões tradutórias abarcam desde o próprio local de adoração a nomes de orixás, plantas e expressões empregadas pela autora do texto, as quais serão abordadas tanto no âmbito interlinguístico como ontológico. Neste caso, o ato de traduzir se orienta por um tipo de relação entre formas de existir no mundo no qual as línguas, em contato, se encontram em uma posição de igualdade (Fu

10.47250/forident.v43n1.p7-12

Kiau, 2001). Assim, da experiência de tradução de *El Monte*, denominada aqui como *tradução negra*, alcança-se a expressão da relação com o sagrado e com o profano em dois idiomas, o espanhol cubano e o português brasileiro, que se complementam no Todo.

No texto seguinte, em **Traduzindo a inovação da poesia árabe do século IX**, Alexandre Chareti retoma o debate da tradução poética da língua árabe a partir da obra do inovador Abu Nuwas (~ 757-815 d.C.), refletindo sobre a concepção e o uso das figuras poéticas de língua árabe à época da sua enunciação. O artigo destaca que a tradução poética fundamentada em estudos linguísticos opera com vista à transposição de elementos inscritos no enunciado que tenham efeito de sentido quanto a sua função poética. A pesquisa aborda a tradição de estudos sobre as figuras poéticas que remonta ao século IX, período em que concomitantemente se manifestava uma prática da poesia identificada como "inovadora".

Nos dois últimos textos do Dossiê, temos reflexões que articulam as relações entre arquitetura, cinema e literatura por uma perspectiva comparatista e revisão de valores coloniais. Em ***Amereida* e *Ciudad Abierta*: literatura e arquitetura em inusitado casamento**, Christina Ramalho apresenta um estudo sobre *Amereida*, epopeia que resultou de uma viagem coletiva em uma caminhonete, iniciada em 3 de julho de 1965, envolvendo artistas latino-americanos e europeus, e registrada por seus participantes, de forma a compor um poema vivido em uma viagem, que, ao contrário do que fizeram os conquistadores europeus, reconhecesse o "mar interior" da América. O artigo apresenta, ainda, *Ciudad Abierta*, complexo arquitetônico criado a partir de Amereida, situado em Ritoque, no Chile, que envolve construções conceitualmente inovadoras, incluindo habitações e mesmo um cemitério. A autora comenta que as duas obras, *Amereida* e *Ciudad Abierta*, são experiências longevas e, para refletir sobre a natureza inusitada dessa relação Literatura/Arquitetura, traz contribuições de Alberto Cruz Covarrubias, Ana Asensio, Roberto Segre, Silvia Cordero, Victoria Jolly e Milton Santos, entre outros, além de aproximar a abordagem ao pensamento decolonial de Walter Mignolo.

Ainda na perspectiva das relações intertextuais, em **Poéticas de ficcionalização: a (des)construção da personagem van Gogh no cinema**, Fabiana Maceno Domingos Pedrolo analisa as várias versões biográficas para o cinema do pintor Vincent van Gogh (1853-1888). Com base em teorias de intermidialidade e estudos interartes, a pesquisadora analisa a figura do pintor como personagem ficcional e demonstra que elementos biográficos podem ser abordados sob diversos pontos de vista. No campo comparatista, com um olhar em trânsito entre o cinema e as artes visuais, as representações de Van Gogh são compostas por uma arte híbrida e multifacetada, contribuindo para ampliação de valores que o artista carrega para o mundo contemporâneo.

10.47250/forident.v43n1.p7-12

Na **Seção Livre**, temos textos sobre questões históricas da literatura e diferentes abordagens sobre a violência contra a mulher na literatura brasileira. No primeiro, **Reflexões de Oswald de Andrade e Graciliano Ramos sobre o Modernismo**, abordando questões da crítica literária, Thayane Verçosa retoma o debate acerca da historiografia literária brasileira, apresentando olhares diferentes sobre Oswald de Andrade e Graciliano Ramos. O trabalho mostra como a postura crítica de Graciliano sobre a geração que o antecedeu é elaborada, bem como reflete sobre a opinião de Oswald de Andrade acerca da geração que o sucedeu. Tal debate retoma a proposta da obra *1930: a crítica e o modernismo*, de João Luiz Lafetá (1974), que não vê uma continuidade entre a primeira geração modernista e a segunda. Dando continuidade a estudos sobre a literatura brasileira, em **"Minha primeira ação tinha que ser a resistência": Visões do banditismo feminino em Guimarães Rosa e Raquel de Queiroz**, Everton Luís Teixeira apresenta reflexões sobre a recepção de *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, e *Memorial de Maria Moura* (1992), de Raquel de Queiroz. A partir do levantamento bibliográfico e com o aporte historiográfico de Eric Hobsbawm sobre *banditismo social*, o pesquisador analisa como a violência rural, em especial o banditismo feminino, é explorada por Rosa e Queiroz que constroem personagens femininas marcantes ao traçar trajetórias de jovens mulheres como indômitos guerreiros. Elas ambicionavam por maior liberdade e poder dentro do *hinterland* brasileiro e para isso seguem uma trilha de luta e vingança contra seus desafetos.

Em estudos que envolvem o romance histórico, há duas abordagens sobre o resgate da voz da mulher. No primeiro, **A colonização e o corpo feminino nas narrativas de Gabriela Wiener e Micheliny Verunschk**, Janara Laíza de Almeida Soares analisa a fragmentação identitária das mulheres nas obras *Exploração*, de Gabriela Wiener, e *O som do rugido da onça*, de Micheliny Verunschk, que narram experiências de mulheres descendentes das vítimas da colonização. As protagonistas se conectam com seu passado e refletem sobre o seu presente a partir das feridas do processo civilizatório. Essas obras deixam pistas de como as mulheres são vítimas violência colonial. Logo depois, em **Práticas de contracolonialidade em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves**, Elane da Silva Plácido propõe uma análise de *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, destacando a formação histórica do Brasil narrada pela voz de uma mulher negra; as práticas contracoloniais dos escravizados, como resistências, reforçando a importância dos modos de representação africana; e o lugar de fala de uma mulher silenciada pela História oficial, Luísa Mahin, que, na ficção, ganha o nome de Kehinde, a mãe de Luiz Gama, um dos maiores abolicionistas brasileiros.

Quanto às questões de gênero e a produção de mulheres, em **As diversas faces da violência contra a mulher na escrita de Elvira Vigna**, Carolina Mon-

10.47250/forident.v43n1.p7-12

tebelo Barcelos examina a representação das diversas violências contra a mulher em *Nada a dizer* (2010) e *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), de Elvira Vigna. A análise, atravessada pela crítica feminista, está assentada em pressupostos teóricos sobre a violência de gênero segundo Rita Segato, Heleieth Safiotti, Marcela Lagarde y de los Ríos e Michelle Perrot. Essas obras apresentam aspectos que reforçam o quanto a violência contra a mulher está estreitamente relacionada à manutenção e à perpetuação do poder masculino. Ainda dentro dos estudos sobre violência, em **Retrato mudo: A violência em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector**, Alexsandra Loiola Sarmento mostra como a violência física, social e cultural incide sobre Macabéa d' *A hora da estrela* de Clarice Lispector, tendo como consequência a ausência da voz da personagem conforme estudos de sobre a relação entre violência, cultura e linguagem debatidos por Marilena Chauí, Jaime Ginzburg, Slavoj Žižek e Pierre Bourdieu. Verifica-se que a violência externa se configura nas marcas da precariedade da estrutura socioeconômica do país; enquanto a violência interna se faz representada pela dificuldade das relações sociais, interpessoais, afetivas e comunicativas.

No texto seguinte, o olhar da violência é desconstruído por uma narradora. Em **Entre trauma, memória e esquecimento: uma leitura de "Moonlight Serenade", de Antonio Carlos Viana**, Raquel Pereira de Lima e João Victor Rodrigues Santos apresentam uma leitura analítico-interpretativa do conto "Moonlight serenade" (2009), de Antonio Carlos Viana, que narra a trajetória de violência contra a mulher, a partir do olhar da narradora que é abusada pelo dentista, quando não tinha dinheiro para pagar o tratamento dentário. A análise reforça que a violência contra a mulher produz marcas permanentes na memória da vítima, revelando a persistência do trauma e a internalização da culpa. A análise perpassa a exploração do corpo feminino, estabelecendo novos espaços de discussão sobre problemas socioculturais e tensionando as fronteiras entre ficção e realidade.

Pela perspectiva trans, em **Estranhar para Reeducar: a monstruosidade *queer* na arte-educação da professora transexual T. Angel**, Greta Tomaz Lopes analisa as práticas artístico-educacionais da professora transexual T. Angel, investigando como suas experiências deslocam conceitos e práticas no campo da Arte-Educação. Metodologicamente, o artigo explora os estudos *queer* em fricção com práticas pedagógicas realizadas por estudantes do Coletivo ERER+, em diálogo com experiências de professoras LGBTQIAPN+ que exploram a Abordagem Espiralar, de Machado. A proposta é estranhar para reeducar a escola, o corpo e o conhecimento.

Fechando a Seção Livre, em **As dimensões estéticas do corpo feminino na literatura brasileira**, Carlos Magno Gomes identifica as marcas políticas do corpo feminino registradas em narrativas de autoria feminina brasileira do século XX e XXI. O artigo amplia o catálogo proposto por Elódia Xavier (2021), ao

10.47250/forident.v43n1.p7-12

explorar as dimensões sociais e psicológicas da violência com os corpos assediado--abandonado, estuprado-traumatizado, executado-supliciado para aqueles que sofrem assédio, estrupo e feminicídio. Nesses casos, o corpo feminino incorpora as marcas da violência e se projeta esteticamente como um corpo-escrita, segundo as orientações de Eurídice Figueiredo (2021). Para tipificar os códigos da violência de gênero, o pesquisador explora os estudos de Lia Zanotta Machado, com o "excesso de masculinidade"; Rita Laura Segato, com a "confraria machista".

Com mais este volume, esperamos que a leitura dos artigos do Dossiê e da Seção Livre possa fortalecer os estudos em torno das literaturas do Sul Global preocupadas com estratégias de revisão histórica do processo de colonização. Em especial, destacamos as diferentes perspectivas literárias que questionam a violência sofrida pelo corpo feminino na literatura brasileira. Agradecemos imensamente aos/às participantes, colaboradores/as e leitores/as deste volume por compartilharem e divulgarem suas pesquisas e resultados na Revista Fórum Identidades.

10.47250/foridentv43n1p7-12